
INTRODUÇÃO

“Para o bem e para o mal, os museus não são blocos homogêneos e inteiramente coerentes.”¹

O presente trabalho tem como objectivo a proposição de metodologias para elaboração de programação museológica tendo, como estudo de caso, o Centro de Memória do Samba de São Paulo.

Para a sua compreensão, questões como a historicidade do museu, o objecto de estudo da Museologia e a sua dimensão enquanto disciplina aplicada, a importância dos programas museológicos e ainda, como o samba pode ser musealizado, serão discutidas.

Ao olharmos retrospectivamente para a historicidade do museu, percebemos que este foi sempre reflexo das conjunturas socioeconómicas e dos avanços tecnológicos de cada época. Tendo a sua origem no coleccionismo, essas instituições passaram séculos com as suas colecções de acesso restrito à visita² e, somente no final do século XVIII, com os ideais do Iluminismo, quando é consagrado o termo Museu, é que passa a haver uma maior abertura e se inicia a busca pela democratização dos mesmos. Decorrente disso, no século seguinte há uma proliferação na criação de museus. Essas instituições chegam, no início do século XX, com colecções ecléticas, vistas como centros de ciências e artes e que, data a sua historicidade, com metodologias próprias para o trabalho com o acervo, embora centradas nas colecções.

¹ CHAGAS, Mário. *Memória e Poder*: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. II Encontro Internacional de Ecomuseus, Rio de Janeiro: s/e, 2000. p. 13.

Actualmente, o foco se deslocou da colecção para a sua função social e, ao lado de novos processos de musealização, a actuação dos museus tradicionais vem sendo repensada. Em geral, essas instituições têm se apresentado cada vez mais complexas, com públicos mais exigentes.

*“O compromisso, neste caso, não é com o ter, acumular e preservar tesouros, e sim com o ser espaço de relação, capaz de estimular novas produções e abrir-se para a convivência com as diversidades culturais.”*³

Segundo Peter van mensch⁴, há uma diversidade de opiniões a respeito da discussão museológica no que se refere ao objecto de estudo da museologia, sendo este visto como o estudo da finalidade e organização dos museus; como o estudo da implementação e integração de um certo conjunto de actividades, visando à preservação e uso da herança cultural e natural; como estudo dos objectos museológicos e como estudo da musealidade como uma qualidade distintiva dos objectos de museu; como uma relação específica entre homem e realidade.

A última opinião, em princípio elaborada por stránsky e gregorová é a que particularmente nos interessa, uma vez que foi retomada e desenvolvida por rússio⁵ e é adoptada pelo curso de

² Em geral, eram abertas exclusivamente aos nobres, ao clero, aos cientistas e aos artistas. GUARNIERI, Waldisa Rússio. *Museu, Museologia, museólogos e formação*. **Revista de Museologia**, 1. São Paulo, 2º sem. 1989. p. 7-11.

³ CHAGAS, Mário, *op. cit.*, p. 13.

⁴ MENSCH, Peter van. *O objecto de estudo da Museologia*. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos I).

⁵ Material didáctico da disciplina “*Museologia: princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenómeno museal*”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Oliveira Bruno, ago. 2001. p. 7.

especialização em museologia do museu de arqueologia e etnologia da universidade de São Paulo.

De acordo com waldisa rússio camargo guarnieri ⁶, a museologia é uma disciplina aplicada que busca promover, sistematizar e teorizar sobre o fato museal, entendido como a relação estabelecida entre o homem e o objecto, em um cenário institucionalizado. no entanto, nas últimas décadas, as reflexões no campo da museologia levaram a uma ampliação conceitual: o homem, antes visto como o público, o visitante do museu, passa a ser compreendido como toda a comunidade; o objecto, de colecção, à referência patrimonial e, finalmente, o cenário, visto tanto como o espaço institucionalizado do museu como, também, todo o território de intervenção museológica⁷.

Esta ampliação deve-se, principalmente, às reuniões internacionais⁸ realizadas nas últimas décadas, que buscam repensar o papel do museu na sociedade contemporânea, bem como ao importante papel do icofoM – international committee for museology, que tem aproximado profissionais dos vários continentes, através das reuniões e de publicações.

à medida que as reflexões teóricas ampliam o conceito de museu e de sua função, a viabilidade das proposições requer, todavia, que as práticas sejam repensadas: o fato da museologia se configurar

⁶ GUARNIERI, 1989, *op. cit.*

⁷BRUNO, Cristina. *Museologia para Professores: os caminhos da educação pelo património*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998.

⁸ Destacamos àquela realizada em Santiago do Chile (1972) que, no seu documento final, reafirma a função sócio-educativa dos museus; a de Quebec (1984), que cria o MINOM – Movimento Internacional da Nova Museologia e, ainda, o Documento de Caracas (1992), que destaca o museu como canal de comunicação, reafirma o seu papel social e o estímulo à reflexão crítica.

como uma disciplina aplicada, isto é, susceptível de prática, possibilita o desenvolvimento de metodologias para essas aplicações.

*“Desta forma, é viável considerar que à museologia cabe a experimentação e análise da relação museal, entendida como o eixo de um processo de comunicação entre o homem/ objeto/ cenário.”*⁹ neste caso, os estudos têm que estar voltados a todos os elementos do triângulo e não a um só deles, pois o importante é a relação que se estabelece entre os vértices.

A partir do momento que o homem começa a se relacionar com os objectos e a preservá-los, na medida em que os selecciona e os retira do circuito económico, de consumo ou de uso quotidiano, o fato museal passa a se caracterizar como fenómeno museal¹⁰, que tanto pode ser analisado através de diferenciadas disciplinas como pode, também, ser construído. Esta é uma das especificidades que diferenciam a Museologia de outras disciplinas, que apenas o analisam, o que é o mais importante, porque é o que dá à Museologia a dimensão de disciplina aplicada. Daí ser importante saber construir esses processos.

É a selecção das referências patrimoniais que delinea as estratégias, ou seja, os processos museológicos, que levarão ao modelo. Por isso, a definição de políticas é importante para dar maior objectividade, para “enquadrar” o museu, experimentar a vocação do seu acervo. para qualquer que seja o modelo de museu (eclectico, temático, monográfico, biográfico, etc.), o processo é o mesmo, o que muda é a metodologia.

⁹ BRUNO, Cristina. *Museologia e Museus: Princípios, problemas e métodos*. Lisboa: UHLT, 1997. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 10, p. 18).

¹⁰ Neste sentido, o museu é um fenómeno museológico.

Embora nem sempre o fenómeno museal passe por todos os processos museológicos, ou seja, pelos procedimentos técnicos e científicos da cadeia operatória – de salvaguarda (que evidencia os processos selectivos) e de comunicação (que evidencia as opções de interpretação) - os processos de musealização têm a potencialidade de transformar a realidade (inclusive do património abandonado), através da pedagogia museológica. O objecto, visto como suporte de informação (expressão da memória), pelo fato de ter sido seleccionado, enquadrado (e, portanto, interpretado) pode, através do processo de musealização¹¹, ser reinterpretado e, daí, sofrer novas redignificações. Cabe salientar que é específico da museologia possibilitar o equilíbrio da cadeia operatória: a guarda tem que ter a finalidade de extroversão para que se dê a educação da memória. em suma, estes procedimentos têm a potencialidade de transformar o património em herança cultural¹².

Quando falamos de potencialidades museológicas, vimos sob a perspectiva processual (que, também, está ligada às questões políticas e ideológicas) que tem por objectivo solucionar problemas. a preservação, função básica do museu, só tem sentido quando do ponto de vista da sociedade, uma vez que o museu não deve ser pensado apenas para o seu director ou para o poder que o criou: deve, sim, ser pensado como um instrumento de reflexão sobre a dinâmica social das comunidades, visando à transformação e à construção de cidadania. e isto pode ser efectivado em qualquer que seja o modelo de museu: se é

¹¹ São várias as razões socioculturais para a musealização (ideologia do momento, desenvolvimento da auto-estima de uma determinada comunidade, a consciência da transitoriedade humana, a busca e afirmação da identidade cultural, as relações afectivas com os objectos/referências seleccionados, a busca pelo domínio territorial e, também, a ostentação do poder).

¹² BRUNO, Cristina. *Museologia e Comunicação*. Lisboa: UHLT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9, p.10).

comunitário ou tradicional, o importante é o uso que se faz de suas colecções.

Retomando waldisa guarnieri, *“a preservação proporciona a construção de uma “memória” que permite o reconhecimento de características próprias, ou seja a “identificação”. e a identidade cultural é algo extremamente ligado à auto-definição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica.”*¹³

É importante salientar que a pedagogia museológica desenvolve o exercício do olhar, possibilita que o homem identifique a referência cultural dos demais objectos e lhe dê significados, estimulando a percepção da realidade no presente. Permite, ainda, o repasse dos procedimentos e técnicas de salvaguarda e de comunicação patrimoniais. Esta apropriação permite que as comunidades possam actuar por sua própria iniciativa, tanto para a preservação quanto para a extroversão do seu património.

Conforme já dito anteriormente, o museu, de suas origens à actualidade, tem sofrido constantes transformações – na forma e no conteúdo – de acordo com ideologias do momento e, no último século, principalmente, pela actuação dos profissionais.

Segundo peter van mensch¹⁴, podemos falar de três revoluções museológicas: a primeira, que se dá na transição do século xx para o século xx, com as organizações profissionais, a publicação

¹³ GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *Conceito de cultura e sua inter-relação com o património cultural e a preservação*. Rio de Janeiro: IBPC, 1990. (Cadernos de Museologia, n. 3, p. 10).

¹⁴ MENSCH, Peter van. *Modelos conceituais de museus e sua relação com o património natural e cultural*. ICOFOM LAM, 1991. p. 9-10. Comunicação oral em Seminário Intensivo ao Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 19 a 23 de Novembro de 2001.

de periódicos e manuais, com o desenvolvimento de códigos de ética e organização de associação de amigos, dentre outros. A segunda revolução teria o seu embrião na década de 70 do século xx, quando georges henri rivièrre escreve um tratado sobre o que seria o museu do futuro, a pedido da Unesco. as discussões a partir daí levam a uma nova divisão organizacional dos museus, não baseada nas colecções e sim nas funções. O que marcaria esta revolução seria o nascimento da nova museologia. Em relação à terceira, com início na década de 80 e que permanece na actualidade, não sabe afirmar se é realmente uma revolução ou apenas uma evolução da anterior. Neste caso, a referência está no gerenciamento, em como o profissional deve se posicionar para o desenvolvimento de modelos conceituais, do senso crítico, da iniciação de uma terminologia unificada, etc. a terceira revolução se dá, portanto, mais na perspectiva gerencial dos museus.

Nessa perspectiva gerencial, acrescentamos, ainda, a seguinte afirmação *“les musées deviennent des établissements culturels où se conjuguent les exigences du service public et les principes de gestion de l’entreprise. sans jamais s’écarter des missions essentielles de conservation, de recherche et d’éducation, cette mutation ne saurait être sans effet sur les méthodes.”*¹⁵

Mensch, em artigo publicado em 1992, salienta que “ (...) devido ao aumento das dificuldades financeiras, os museus existentes tendem a racionalizar sua estrutura organizacional. Economia, eficiência e efectividade são as palavras-chave da gerência dos museus modernos. (...) Eles têm de definir seus objectivos de maneira

¹⁵ sallois, jacques. *un projet culturel pour chaque musée*. france: direction des musées de france, jun. 1992. s/p. (“os museus se tornam estabelecimentos culturais onde se conjugam as exigências do serviço público e os princípios de gestão empresarial. sem jamais descartar as missões essenciais de conservação, de pesquisa e de educação, esta mudança não seria sem efeito sobre os métodos”).

mais precisa. (...) No entanto, eficiência e efectividade não deveriam ser definidos por gerentes e políticos. Esses conceitos são ferramentas úteis para ajudar na formação e implementação da política do museu, mas eles devem ser orientados e controlados por uma perspectiva museológica.”¹⁶

É nesta perspectiva que procuraremos desenvolver este trabalho, ao buscar a proposição de metodologias para a elaboração de programas para o que deverá ser o centro de memória do samba da cidade de São Paulo.

Em primeiro lugar, precisamos analisar os vários modelos de museu para definirmos em qual deles esta instituição deverá se configurar. Assim podemos defini-los¹⁷:

- a) Museus ecléticos: grandes heranças que recebemos do século XVIII, seus acervos são multidisciplinares, onde encontramos desde colecções de arqueologia e paleontologia a colecções de arte decorativa, arte sacra, etc.
- b) Museus temáticos, monográficos e biográficos: ao contrário dos museus ecléticos, têm recortes patrimoniais específicos;
- c) Ecomuseus e museus comunitários: em geral, são criados através de um processo museológico articulado a partir de três variáveis, que são o território, o património e a população (embora nem todos consigam trabalhar as três em equilíbrio). A auto-gestão administrativa e financeira é o que almejam, mas também podem

¹⁶ MENSCH, Peter van. *Não ao padrão*. Jornal da Tarde, São Paulo, 16 set. 1992. Caderno de sábado.

¹⁷ Material didáctico da disciplina “*Museologia: princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenómeno museal*”, ministrada pela Profª. Drª. Maria Cristina Oliveira Bruno, 5 set. 2001, p. 58. Uma outra tipologia de museus está disponibilizada no anexo 1.

contar com a colaboração de empresas privadas ou do poder público;

- d) Museus de cidade, de praça e de rua: no primeiro caso, procura-se preservar a memória da cidade como uma síntese de seus aspectos (fundação, festas, religiosidade, economia, etc.); nos outros dois, são os espaços públicos, os lugares da memória, que são musicalizados ou servem como locais para a realização de exposição;
- e) Museus de sociedade: neste caso, o que se prioriza é a comunidade e a dinâmica social;
- f) Museus de território: é trabalhado a partir da delimitação regional cultural e do meio ambiente;
- g) Acções museológicas e em rede (virtual e real): sistema integrado de intercâmbio de informação, de produção de conhecimentos e de profissionais, têm colaborado tanto na revitalização de museus como no gerenciamento da informação.

para retomarmos a pergunta de como deverá se configurar o centro de memória do samba, apresentaremos a exposição de motivos¹⁸ do projecto de lei em que foi criado o museu do samba, pelo vereador vital nolasco, como forma de extrair subsídios para a definição do perfil da instituição.

“Considerando que São Paulo formou-se com interposto de várias culturas nacionais, entre elas, as afro-brasileiras;

Considerando que o samba e o carnaval constituem-se como elementos fundamentais da identidade nacional;

¹⁸ Câmara Municipal de São Paulo. Exposição de Motivos, Lei Nº 12.380, de 13 de junho de 1997, por Vital Nolasco.

Considerando a imprescindível participação dos povos de matrizes africanas na formação política, económica e cultural do país;

Considerando que os marcos da cultura de matriz africana são visíveis na cosmovisão nacional, na elaboração de manifestações culturais que, com o passar do tempo, perderam suas fronteiras étnicas e a preservação de fragmentos civilizatórios originários afro-brasileiros;

Considerando o legado que a sociedade brasileira tem com os afro-brasileiros que, durante mais de 350 anos, construíram com o seu trabalho a infra-estrutura material desse que é um dos maiores países do mundo;

Considerando que, apesar de mais de cem anos de assinado o decreto que aboliu a escravidão, a população afro-brasileira sobrevive em condições precárias, fragilizando a sua auto-estima e auto-imagem, necessitando, portanto, de valores que reconstituam a sua auto-confiança fragmentadas pela escravidão e a violência racial, sugerimos o presente projecto que visa a criação do museu do samba no município de São Paulo.”

Portanto, se voltarmos ao último parágrafo da exposição de motivos, provavelmente deverá se constituir como um Museu de Identidade e em sistema de rede.

Para justificar a escolha, acreditamos ser pertinente analisarmos o conceito de identidade. Iniciaremos, então, com

Bosch¹⁹ que, como forma de reflectir de maneira crítica sobre a definição de museu proposta pelo ICOM²⁰, procura analisar os conceitos de documento, cultura e identidade, para embaçar teoricamente a mesma importância que deve ter o património tangível e intangível nos museus.

Considera o documento todo objecto tangível e intangível, pois é portador de informações sobre o homem e o seu entorno.

A cultura se caracteriza como uma forma integral de vida criada histórica e socialmente por uma comunidade, de acordo com as relações que estabelece com a natureza, com a própria comunidade e com outras comunidades, e com o sobrenatural.

Em relação à identidade, esclarece que há pelo menos duas interpretações que se correspondem com duas tendências filosóficas, que é a de definir identidade por diferença (onde é preciso dominar o outro na busca pelo conhecimento) e por pertinência, quando alguém encontra seu lugar através do descobrimento de vínculos reais com outras pessoas, e não por oposição. *“la identidad cultural esta expresada como una consecuencia y no como un objeto en si, es la consecuencia social inmediata de la identificación de un sujeto o un grupo con su cultura y sus productos heterogéneos, su autorreconicimiento a través del proceso del conocimiento humano*

¹⁹ BOSCH, Sebastián. *Consideraciones teoricas para la Museologia, el patrimonio intangible y la identidad cultural*. In: Muséologie et Patrimoine Intangible. Rencontre ICOFOM, 2000 .

²⁰ “O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que realiza pesquisas concernentes aos testemunhos materiais do homem e do seu entorno, os adquire, conserva, comunica e principalmente os exhibe para fins de estudo, educação e deleite”.

*(sensible y racional) y del desarrollo de la conciencia histórico social.”*²¹

Por isso, a importância de trabalhar com o aspecto retrospectivo da identidade (o conhecimento de nossa história nos leva a questionamento de quem somos e porque somos) e o prospectivo (o conjunto de acções futuras que nos levarão a ser o que queremos, em termos pessoal e social).

Para François Hubert²², se antes etnicidade e identidade eram colocadas como conceito único, hoje há uma distinção: a primeira, de carácter objectivo, é definida como o conjunto de particularidades de uma cultura (instrumentos, arqueologia, sociologia, etc.) e a segunda, de noção subjectiva, é a cultura para criar representação que os grupos humanos fazem para se perceberem em relação aos outros.

Segundo ele, a noção de identidade coloca um problema ao museu, que é o da fragmentação, da multiplicação dos patrimónios locais. Por isso, na França não se fala mais de museu de identidade para definir os museus regionais, até porque os indicadores de identidade são diferentes para as gerações.

Para Peter van Mensch, o museu de identidade, voltado para comunidades muito bem definidas, ajudam-nas a se expressarem. Entretanto, aponta o dilema que isto gera: a importância e

²¹ LINARES, José, 1992. *apud* BOSCH, Sebastián.

“A identidade cultural se expressa como uma consequência e não como um objecto em si: é a consequência social imediata da identificação de um sujeito ou grupo com sua cultura e seus produtos heterogêneos, seu auto-reconhecimento através do processo do conhecimento humano (sensível e racional) e do desenvolvimento da consciência histórico-social”.

²² Comunicação oral de François Hubert, Conservateur en Chef do Musée de Bretagne, em Seminário Intensivo ao Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, em 22 de Abril de 2002.

responsabilidade para uma comunidade específica, por um lado, e, por outro, como explicar essa relevância para as outras comunidades. Desta forma, mesmo que seja de identidade, tem que ser relevante também para outros grupos não directamente relacionados ao tema abordado. Acrescenta, ainda, que a informação, o conhecimento estão no centro de qualquer que seja o modelo, por isso, é importante saber escolher e justificar as suas práticas.

A função contemporânea do museu é política e social e está ligada à construção de identidades. É a continuada reflexão teórico-metodológica que transformará os museus em local de contestação. Através dos processos de musealização, busca-se melhorar a qualidade de vida da comunidade e o seu desenvolvimento. Não devemos esquecer, no entanto, que a base de acção está no próprio património para que não se confunda com outros tipos de trabalho comunitário. é através das referências patrimoniais que se pode tomar conhecimento das características daquela comunidade, abordar a dinâmica social, levando à conscientização.

A linguagem museológica pode ser a alavanca para o desenvolvimento do indivíduo e da colectividade, levando aquele a desenvolver sua auto-estima e, a partir daí, exercer a sua cidadania pois, quanto mais consciente de sua realidade, mais condição terá de trabalhá-la. É no museu, local de preservação das referências patrimoniais, que o objeto testemunho pode ser transformado em objeto diálogo²³. O museu deve ser entendido, então, como um canal de comunicação que se realiza, dentre outros, através da exposição.

²³ BRUNO, 1997, *op. cit.*

Vale, então, ressaltar a distinção que Davallon²⁴ faz de exposição e museu: a exposição é apenas um dispositivo comunicacional, o museu, com sua função social, está comprometido com a produção do saber, a preservação dos objectos e a comunicação com o visitante.

Nosso trabalho também pretende discutir dois pontos: o primeiro, por que o samba, símbolo da identidade nacional, não mereceu, até os dias actuais, uma instituição que o representasse?²⁵ Sabemos que museus brasileiros têm, em seus acervos, objectos significativos do carnaval (e não especificamente do samba). Todavia, desconhecemos a existência de um museu com o recorte específico (no nosso caso, é um museu do samba, e não do carnaval; da cidade de São Paulo, e não do Brasil). Cabe, então, falarmos da diferença entre samba e carnaval e contextualizarmos o primeiro, mais recente, no segundo, cuja origem remonta à Antiguidade. O segundo ponto é: como este recorte pode ser musealizado? Como pode ser resolvida a problemática no que se refere à cadeia operatória museológica²⁶?

Também faz-se necessário justificar a escolha por um sistema de rede.

²⁴ DAVALLON, Jean. *L'évolution du rôle des musées*. (La Lettre de l'Ocim, n. 49, p. 45).

²⁵ Admitimos, no entanto, que de uma forma ou de outra o samba é preservado em Museus da Imagem e do Som, Museus do Folclore e no próprio Museu do Carnaval, no Rio de Janeiro.

²⁶ Neste caso, podemos tomar como exemplo museus do folclore, que têm objectos semelhantes àqueles significativos do carnaval, em termos de material e dimensão.

Ao analisar a política de aquisição nos museus brasileiros para uma possível reorientação, bittencourt²⁷ considera os seguintes aspectos: a incorporação de objectos recentes, uma vez que esta não tem sido uma prática nos últimos cinquenta anos; a relevância da pesquisa museológica, que evidencia o perfil institucional e o carácter do acervo, para nortear as aquisições, evitando a incorporação demasiada e indevida; a implantação de rede como possível solução à incorporação e manutenção dos acervos. Desta forma, põe em evidência as seguintes vantagens:

1. Cria a possibilidade de um sistema de museus concebido como um grande sistema de informações sobre o património histórico-cultural depositado em instituições museológicas: cada unidade museológica passaria a constituir uma base de dados, com amplo acesso às informações depositadas nas outras unidades-bases de dados;
2. Enquanto função social, os objectos poderiam ser deslocados e realocados fisicamente, de maneira a colocar acervos à disposição de um maior número de usuários, além da possibilidade que estes já teriam de acessar informações disponíveis nas diversas unidades-bases de dados;
3. Os museus com dificuldades de acervo poderiam planejar suas exposições com base no empréstimo de objectos feito a museus onde existissem objectos ou categorias de objectos em excesso.

“Alguns especialistas consideram que o futuro do museu é transformar-se em um sistema de preservação e difusão do património histórico-cultural. Mesmo no Brasil, já não é nova a discussão, em torno da interligação de unidades museológicas através

²⁷ BITTENCOURT, José Neves. *Sobre uma política de aquisição para o futuro*. Cadernos de Museologia, IBPC, Nº 3, 1990.

de sistemas integrados de comunicação informatizada, e têm sido feitos esforços em criar sistemas de gerenciamento de acervos museológicos.”²⁸

A defesa de um banco de dados comum também pode ser observada na proposta de implantação do Memorial do Oeste, em Cascavel, no estado do Paraná, elaborada por Cristina Bruno²⁹. De acordo com o trabalho, salienta que *“A coleta exaustiva não deverá ser o objectivo deste Banco de Dados Patrimonial. Ao contrário, o fundamental para a metodologia deste projecto é o constante relacionamento com a população por meio de empréstimos temporários, identificação de peças ou práticas culturais, entre outras formas de participação. Nestes casos, cabe à equipe do museu desenvolver mecanismos junto à população que possibilitem a preservação in loco.”*

No presente caso, a inserção no modelo de rede justifica-se por, ao menos, três razões:

- 1ª. Se considerarmos que, em um primeiro momento, o público alvo será aquele formado pelas comunidades que participam da organização do carnaval de São Paulo e pela comunidade negra³⁰, essas comunidades deverão estar representadas no museu. Ainda, se tomarmos somente as escolas de samba como exemplo, cada uma delas já teria, a cada ano, um acervo significativo em termos de número de objectos e de dimensões. Somando cada um deles bem com o de outras representações no tema samba, e este no contexto do carnaval, deveríamos considerar a amplitude dos

²⁸ BITTENCOURT, José Neves. *Op. cit.*, p. 30.

²⁹ BRUNO, 1997, *op. cit.*, p. 97.

³⁰ É este o objectivo presente na Exposição de Motivos do Projecto de Lei de criação do Museu do Samba.

espaços expositivos e de reserva técnica. seria viável em termos de estruturação e, depois, de manutenção?

- 2ª. Se a instituição museal deve ser um espaço de relação, de reflexão e deve ser pensada como um instrumento de transformação, se a pedagogia museológica possibilita o aprimoramento do olhar e, ainda, se os procedimentos técnicos e científicos da cadeia operatória museológica são passíveis de repasse, então acreditamos que é legítimo que cada uma das comunidades tenha o seu próprio centro de memória, participando de todo o processo, da selecção do acervo à expografia;
- 3ª. se o acervo de cada subnúcleo é de interesse para o todo, a solução é que haja a interligação entre todas as unidades no que diz respeito à alimentação de um banco de dados comum, bem como de uma metodologia unificada, repassada através do núcleo, como forma de ter a verdadeira dimensão do acervo e de democratizá-lo.

Daí a necessidade do planeamento da instituição onde a programação museológica terá papel fundamental.

Assim, a importância dos programas museológicos e a sua historicidade serão analisadas mais detalhadamente na primeira parte do trabalho. Já vimos que, para cada época, o fazer museal apresentou suas próprias características e que foram as reflexões de teóricos que possibilitaram a mudança de enfoque do objecto para o sujeito e no alargamento da noção de património: das origens à actualidade, os museus têm sofrido constantes transformações, seja nas técnicas expográficas, nas actividades culturais, no apelo à média, e mesmo nos produtos editados em papel e electronicamente.

Em virtude disto, podemos afirmar que o estudo da programação museológica se deu justamente pela complexidade que vêm adquirindo essas instituições (até por estarem competindo com

outras instituições culturais) e, no que diz respeito à gestão, é relativamente recente.

Nesse aspecto, sentimos alguma dificuldade, pois o que comumente encontramos refere-se à programação arquitectónica, uma vez que ela teve início com a preocupação com os espaços públicos, técnicos e administrativos para acomodar as funções a que se propunha o museu.

No entanto, por acreditarmos que a metodologia indicada poderia ser adaptada para as outras áreas museológicas, desenvolvemos este trabalho.